



ENTREVISTA COM CIRLEI MÜLLER HENNSLER

Ana Paula Moutinho Ferraz*

A entrevista a seguir foi realizada com o intuito de estudar de maneira mais aprofundada as memórias de mulheres que ainda vivem no interior da cidade de Taquara e que preservam muito dos costumes, da religiosidade e da história dos primeiros imigrantes alemães no Rio Grande do Sul. A entrevista faz parte da dissertação de mestrado que tem por título: “Vozes e silêncios: memória, identidade, religiosidade e representação da mulher “colona” na comunidade do Rio da Ilha”

Entrevista: 16 de junho de 2013.

Entrevistada: Dora Cirlei Müller Henssler

Idade: 62 anos

Percepções sobre a entrevista: Estava em casa com o marido. Respondeu às perguntas com sinceridade e descontração. Mostrou fotos, a casa onde nasceu e se criou que fica ao lado de onde ela reside, mostrou os panos de prato de pinta para passar o tempo, pois sofre de depressão profunda. Disse uma frase que não ficou gravada, mas que chamou atenção: - “Cada mulher deve ficar guardada. Hoje em dia é tudo diferente.”

- “Agora de casada é Dora Cirlei, com C e sem y, Henssler. De casa era Müller, com o u tremado e dois “l”. Desde menina sempre me chamaram de Dorinha e eu vou morrer sendo vó, eu não sei se eu vou chegar a se bisavó, de certo vai ser a bisa Dorinha.” [Sobre o porquê de seu nome]

- “Ih, aqui se juntavam um bando, uns vinte guri, aí as guria não podia ir perto porque o pai e a mãe eles me faziam alergia de guri. Então as menina tinham que brincar

* Doutoranda em Teologia no Programa de Pós-Graduação em Teologia da Faculdades EST, São Leopoldo/RS. E-mail: anamferraz@gmail.com



lá pra dentro com boneca e não sei o que que mais, e rapaizinho de dezesseis anos junto, era difícil um colono ter bicicleta naquela época, aí ficavam nas casa né, pegando aqueles marimbondo de bola de terra pra comer o mel, levavam mais ferrão que catavam mel, isso era as festança né. Ou tentar laçar boi ou senão eles vinha aqui. Tinha vinte e poucos carrinho de lombaa aqui em domingo, aí eles pegavam martelo aqui, o pai dava prego era aquela função. Aí eles corriam lá embaixo até perto de onde é que tá aquela galinha branca, tinha que subi em pé de novo até aqui em cima né daí corria pra lá de novo. Caminhava uma volta e ia de novo [...] E eu pegava um balaio, aqueles balaio redondo tudo, dos nossos tipo de alemão [o balaio], hoje até a gente vê nas pecuária, mas é de plástico. Eu me deitava dentro daí eu rolava moro a baixo até lá embaixo no balaio, quebrava tudo as taquara. Ai olha eu pinteí nessa minha vida de criança, sozinha como eu era, mas eu posso contar que eu pintava [...] Eu tenho irmãos, o meu irmão tem dezessete ano mais que eu e a minha irmã faleceu no ano passado, ela tinha vinte anos mais do que eu. E era a mais nova [risos]. Não tinha mais ninguém [risos]. Ai eu fiz muita arte [...] Veio o circo aqui nos Pandolfo né, daí o palhaço soprava uma coisa por cima de uma chama. Daí eu disse pro pai e pra mãe, bem curiosa, ah eles disseram aquilo era peptina, já pra mim não pegar álcool, com certeza, eles sabiam né. Eu fui tentar com peptina, não deu, e querosena nós tinha pra lâmpada mesmo né. Peguei querosena dentro da boca e assoprei por cima de uma vela, mas isso dava uns troço assim de fogo dentro da casa, eu quase morri de susto. Mas eu não sei como é que eu não botei fogo na casa. Aí eu pensei, mas eu vou lá pra rua vou ver se isso funciona. Daí tinha que limpar muito bem a boca né pra mãe não sentir o cheiro de querosena. Mais isto eu acho que eu fiz só umas duas vezes. E nunca conto isso perto de criança, eu tenho um medo de criança ouvir e [...] pode fazer né, de repente, nós temo agora quersene dentro de casa, mas criança podia ligar assim uma coisa com a outra. Ainda eu tenho até hoje, eu fico pensando assim [...] E era a minha vontade né [trabalhar no circo]. Eu armei um tipo de um trapézio ali atrás na plataneira, daí aquilo não deu certo, eu sem ali era sempre era gorda. Mas é olha, foi meus tempo né.” [Memórias da sua infância]

- “Sempre, nasci aqui, ainda tem o quarto ali atrás na casa, que era o meu quarto, que eles fez. É um monte de ruína no fim [referindo-se a casa de madeira, ao lado da sua, onde ela nasceu e foi criada]. Aqui também foi feito fotografia e tudo já. Mas naquele tempo as parteira atendiam as mulher em casa né, não ia pro hospital. A minha irmã



ganhou a primeira nenê dela aqui no quarto da frente e eu nasci no último quarto. Olha, eu posso dá a mesma resposta que eu já dei muitas vez por que o lugar aqui é confortável tudo, mas só que a gente tem distância até chegar no ônibus né, é a única coisa. Mas é um lugar que é confortável, é tranquilo. Ainda hoje de manhã a gente acordou com a arapuã cantando ali atrás da casa velha né, isso é um privilégio, por que nem todas pessoa tem isso.” [Referente ao lugar onde nasceu]

- “Eu nasci aqui e em 66 [1966] e fui morara com o meu irmão por que eu queria tirar a oitava série, eu queria estudar, a irmã mais velha era professora, eu tinha vontade também de estudar. Mas, eu tinha um namorado aqui que não queria que eu saísse de muda, e lá o irmão e a cunhada brigavo, quase tida noite eu chegava em casa com reina dentro de casa, aquilo me enjoou. Aí eu vim em casa em novembro, eu fiz os meus dezesseis ano daí eu desisti do meu colégio, era lá no Pedrinho, ai eu adorei aquele colégio. Nós era de cinquenta e poucos dentro da sala, mas eu parece que eu tinha amizade com todo mundo lá e era da roça né, como se diz, e gente bem de vida tinha dono de chefe de fábrica, tudo quanto é coisa tinha dentro da sala. Eu consegui amizade com a maior parte da turma. Lá era um lugar muito sério, tinha que ter acima de sete na nota todo mês pra na fazer prova no fim do ano, eu gostei, até hoje eu admiro. Aqui sempre em matemática eu ia mal, e lá eu tirei nove em matemática, até eu fui muito bem lá na escola, pra vim assim do interior. O outro ano, aquele ano que eu fiz ia ter ainda a sétima e oitava, era dois ano que falta ainda pra eu me formar no primeiro grau, naquele tempo né, depois mudou. Já mudou diversas vezes.” [As dificuldades de ser mulher e não poder estudar, no contexto de sua família]

- “Daí eu vim, daí eu me casei, depois com dezoito anos daí eu fui morar lá no canto aonde mora o meu filho hoje em dia, ali eu morei sete anos. Um ano eu tava viúva ainda até que eu saí de lá. Aí quando esse desastrou na luz, que ele tava cortando grama no campo daí eu paguei as conta tudo primeiro, ele tava devendo mais que o gado que eu tinha, não adiantava vende o gado que não ia dá pra paga as dívida. Aí eu vim morá aqui meio ano, daí eu casei com ele [segundo esposo que participou da entrevista], aí eu fui de muda lá pros Três Irmãos morei dez anos, daí lá eu e meu filho [do primeiro casamento] com ele. Daí eu tive os dois casais de gêmeos e o rapaz do primeiro casamento me ajudava a cuidar das criança e vinha no colégio ali na Heller, ele foi até



no oitavo, na oitava série, e os outros também tiveram. O mais novo dos rapaz não queria fazer e eu disse não, eu não te tiro do colégio antes que tu faz a oitava, não tem! Mais esse foi, ele rodou três ano até que ele aprontou lá, a Regina aprontou lá fora, foi perdido tempo né. Eu tentei tudo, eu não conseguia aceitar porque o Daltro [filho mais velho] queria sempre ser um aluno que sabia tudo na escola né. E as menina então não entendiam a matemática, que eu também não sabia, elas iam lá na Dulce, na minha irmã né [a irmã era professora] e ela ensinou né. Os guri que tavam junto né, eles queria copia as conta que a Dulce ensinava. Ela disse: - Não! Tu vai te que aprende pra isso tu veio junto com a tua irmã! Eles não aprenderam. Não teve!" [Sua vida como mãe e esposa]

- "Se for conta de tabuada e metro quadrado essas coisa tudo eu sei ainda até hoje. Agora, ponto da roda, da circunferência nós aprendemo. Mas e é de eu entra nessa matemática de letra aí, aí eu pifo, não tem. Mas nós tinha que aprende aqui na sexta série. Em São Leopoldo nós tivemos que faze de novo. Tá, mas eu penso uma coisa assim oh, tu lida com computador e tudo, não tem necessidade, no nosso tempo tinha, não tinha nem telefone. Tabuada hoje em dia não precisa, mas ela é fácil, por que os meus, nós ia pra roça e voltava da roça de a pé, aí eu perguntava quanto é tanto vezes tanto, eu dava uma tabuada legal assim, de um até dez daí eu perguntava salteado, de vez em quando né, quando eles tavam meio apagado eu entro de novo né. Mas assim, aprender hino de Igreja, aprenderam verbo, e hoje em dia eu vejo que os verbo é só mais três pessoa, não tem mais as seis pessoa. Mas nós tinha que faze inteirinha, e a nossa professora, que é falecida agora, a Dona Jandira, ela passava todo dia um verbo." [Dos aprendizados e do gosto de aprender]

- "É Igreja Luterana de Confissão no Brasil, é uma Igreja dependente da Alemanha. Sim tem evangélicos aqui, o próprio Werno é, se ele não virou ainda é. Não, nós não somos da mesma Igreja evangélica. Eles são luterano mesmo e nós somo luterano de confissão evangélica no Brasil. Porque a nossa é dependente da Alemanha, é a IECLB, por isso que é diferente da do Werno [vizinho já comentado que pertence a IELB]. Tinha um pastor uma vez, ele não gostou do que nós fizemo. Nós peguemo padrinho católico e evangélico misturado né, e daí ele batizou as criança em domingo, daí segunda-feira ele passou pra pegar os nome pra colocar na certidão de nascimento. Daí ele disse: - A senhora colocou mais gente católica pra padrinho do que evangélica.



Daí eu disse pra ele: - Pra mim é tudo a mesma coisa! Daí ele disse: - É, mas esses padrinho evangélico não vão ensina a religião certa. Daí eu disse: - Minha irmã ela era evangélica até que ela casou, daí ela virou pra católica, e foi catequista católica, eu disse, ela sabe tudo de cor as duas! Quem queria trocava de religião quando casava. Porque o Delmar ali são separado de religião até hoje. Minhas família também eram católica. Meu bisavô, morreu num dia de caçada que era domingo de ramos, e daí o padre não foi fazer o enterro. Aí disse pra ela [bisavô] que isso o lugar dele era na Igreja, daí ele não tinha desastrado, era lógico né. A minha bisavô tinha, eu não tenho certeza se ela tinha um nenê com dois mês ou se ia ganhar um nenê em dois mês, não sei se ela tinha os dezesseis ou se ia completar os dezesseis filho. Ela foi lá no pastor e falou com o pastor, ele faleceu muito novo esse bisavô. Daí o pastor tinha dito: - Não, se tu tem vontade de vira a tu família pra nossa religião, claro, eu vou lá e vou fazer esse enterro. Foi e fez e dali em diante a família do meu pai foi evangélica né. Este bisavô não veio, foi meu trisavô que veio da Alemanha. Esses eram evangélicos. Os Müller eram católicos, os evangélicos eram os Krumenauer. Meu trisavô que foi com três filhos, ele veio da Alemanha. Mas isso aí não adianta onde é que a gente foi, é árvore né. Muito a Dulce aí e a Patrícia trabalhou na biblioteca do Santa a gente achou a nossa família lá no livro, nós olhemo ali, mas tava só a Dulce e o Décio ali junto e eu já não porque eu já vim muitos anos depois né. A mãe tinha quarenta e quatro ano e meio quando eu nasci. Tudo, é coisas tudo assim, eu já disse as vez não adianta a gente pega e anota porque ninguém vai te interesse de lê futuramente.” [Sobre sua religiosidade e a ligação desta com a comunidade onde mora e a vida familiar]

- “A gente se criou com tudo muito diferente, muito. Telefone tinha lá no Abílio Silveira que passava o fio aqui no nosso potrero né. Quando era menina de cinco seis ano, aí os guri, mas Nossa Senhora, as firma trabalhavo direto nas capanema [instrumento usado para fazer as ligações telefônicas que eram facilmente derrubados com funda pelas crianças] e o seu Abílio arrumando telefone de tudo quanto é pra tudo quanto é lugar, não passava. Era uns telefone antigo de manivela ainda, tinha que discar os número tudo ficar lá esperando...” [Comparação entre antigamente e hoje, na comunidade onde mora]



- “A gurizada toda era boa de mira, a Dulce ia na aula, era professora. Eles iam de a pé até a ponte de arame ali em cima acho que era perto onde que é que vocês moram, na época em que a Dulce ia lá na dona Ermínia, na aula. E daí ia Plácido que ajudou a comprar o grupo aqui da vila né, ele ia na aula também na turma da minha irmã. Aí tinha um ninho de passarinho que eu não me lembro mais que qualidade era, aí eles queriam acertar aquele ninho e não descia ele nunca né, todo dia. Aí um dia a Dulce tinha dito: - Ah, mas eu acerto melhor que e vocês, vocês não acertam nunca né, daí, tóim, em cima do ninho. Aí um dia ela disse que ficou numa vergonha que ele disse assim no meio de uma turma de professora, a Dulce era boa de pontaria, não te lembra mais Dulce. É na colônia é tudo diferente que nem na cidade né, não adianta.” [Lembranças da infância novamente, característica comum da pessoa idosa, onde o lembrar o passado traz alegrias e nostalgia]

- “Particpei uma porção de tempo, eu fui tesoureira da Igreja lá embaixo, eles queriam fechar a Igreja. Não tinha dinheiro pra pagar o pastor mais. É que tem assim, seis comunidade, acho que são seis, forma a paróquia da Padilha dos evangélico, da Igreja. Cada comunidade tem que dá um rendimento, que é o dinheiro que a gente paga por mês né, e se isso não chega tem que fazer uma festinha, uma coisa, mas as festa não dava mais nada, aí agora eles tão inventando chá, cada comunidade tem chá, daí as mulher vão de topic ou de ônibus de uma pra outra e vão, é feito em comunidade daí. Só que é pra da dez por cento ainda sobre a renda do chá. A nossa Igreja tá cara, então isso tá dando dificuldade né. E essas igreja assim que se formam na colônia e vem assim aquelas outras igreja e eles dizem: - Ah, não precisa pagar nada, então os pobre vão mais ligeiro junto, aí também quando eles ajudam. Ajudar eles ajudam, não é que eles são ruim, eles ajudam as pessoas a se levantar, aí quando as pessoas se levantam eles cobram. Então eu vejo isso acontecer muito. É a nossa religião não dava nada. Mas não é só a nossa que é cara, as outras religiões também são cara. Aí tava assim, ninguém mais pagava ali embaixo mais mensalidade, daí tinha um homem que sempre trabalhou pela Igreja se juntou com outro, daí no fim o pastor que tava aqui naquela época, ele veio pedi pro meu rapaz pra ser tesoureiro. Aí eu disse: - Mas esse rapaz tem só quinze ano, dezesseis, ele é de menor. Vamos que dá uma ralada aí no caixa, daí o que que vai dar isso, então antes eu pego. Daí eles queriam, tinham alguns que queriam trabalhar pra Igreja só se fosse pago como tesoureiro ou secretário. Daí eu disse: - Não, eu vou ser



tesoureira se eu posso ser, então que eu sirvo eu não vou querer nada. Mas daí a pessoa disse assim: - Mas daí se tu trabalhar de graça eu também não vou ser secretário. Eu disse: - Bom, eu não posso fazer nada, eu posso ser secretária de graça também. Daí eu tive que pega como secretária e como tesoureira pra, porque daí aquilo ficou vago. Aí tivemos que fazer livro novo né, juntemo os sócios né, aqui e ali conseguimos junta de novo, era cem sócio. Aí a Igreja ia fecha, tava nesse ponto a Igreja naquela época. De primeiro ela era pra Taquara, depois eles inventaram a paróquia na Padilha, e daí ela ficou pra Padilha a nossa Igreja aqui. Mas só que eles fizeram uma coisa errada, eles tinham que ter botado uma parede na frente do altar. Ali no Rio da Ilha aconteceu a primeira festa de Igreja, aquela católica no lado de cá, aquela casa de dois piso. E depois eles fizeram a pedra aquela que, aquela era uma festa também de novo. Eles tinham levantado a Igreja já e aonde é o altar hoje em dia, ao sei se foi dançado ali, eu sei que ali a banda tocou [no altar]. E ainda em tempo de quaresma! Que os católico xingaram muito naquela época, por que naquela época ainda a quaresma ainda era muito respeitado. Hoje em dia também a quaresma também já foi.” [Lembranças da Igreja que faz parte e que participou durante muito tempo ativamente]

- “Olha, eu me dou com todo mundo, eu acho que existe duas ou três pessoa talvez que um dia arranhei por causa duas coisa que já passou, mas eu não tenho raiva delas. Não, as pessoa eu perdo. Eu não posso ser juiz, eu não sei o que vai acontecer com elas no futuro, bem dizer assim, tenho fé em Deus e tudo, mas de lá ninguém voltou ainda. Eu acho o comportamento da gente é tudo, o comportamento da gente é tudo. Os irmão vinham em casa eu tentava agrada eles, porque era visita né, eu não me criei com eles.” [Ressentimentos]

- “Nós caminhava daqui até lá no grupo, são mais de dois quilômetro de caminhada, nós passava no potreiro dos Flech, que hoje em dia já não existe mais, mais tinha um açude pra baixo aonde era ponte, aí todo mundo ia de tamanco, as guria iam de sapatinho assim, as menina, mas a maior parte era chinelinho de couro e tamanco. Aí caía um calçado lá embaixo, aí uns guri pegavam pedra e iam lá em cima da ponte e puxavam o tamanco ou o chinelo mais pra perto do rio né, e os outros. E do outro lado ficava a represa, aí nós ia pra casa só de meia de certo. Se pudessem ver, gente, as grama eram uns capim alto assim, os guri então faziam nó, que era um trilhinho de coelho



onde as pessoa tudo tinham que passar ali, não era só os alunos que iam pra escola, eram os que pegavam ônibus, tudo. Aí os guri inventaram de fazer nó pros guri se laçar e caí, mas caía as pessoa, aí eles iam lá no colégio reclamar, iam tudo pra sala da direção no outro dia. E daí tinha três pinguelinha que era três tabuinhas assim, aquilo furou, os nó caíram fora eu acho, os guri pisavam em cima pra voa água debaixo dos vestido das guria. Porque as guria iam de vestido de pelúcia, casaco de pelúcia. Até eu tenho uma fotografia da minha turma, as menininha tudo de vestido e a professora também de vestido!” [Memórias da escola, lembranças que fala com muita alegria]

[Nas próximas falas, a entrevistada mostra as fotos antigas, tece comentários sobre elas]

- “Isso quando eu tinha dez ano, daí a tua vó se apavoro porque perdeu ele, parece que eu vejo ainda hoje. Dona Dulce a senhora não sabe onde é que anda o Jacinto?”

- “Isso aqui era, a professora era dona Jandira. Isso dia de festa mas daí nós era feita a rainha e princesa pra arrecada dinheiro, eu sei que era eu o meu vestido de quinze anos. Já passa a ser velha as fotografia, tu vê vai lá um tempo tão longe. Era feito os vestido era feita a fotografia no estúdio né. As festa eram bonita, as torta eram bem bonito até, mais não era feito. Eu tenho lembrança do guri da minha irmã. Esse aqui foi um pastor evangélico que atendeu Taquara, não tem a data, é muito velho. Essa aqui já é falecida, a Neusa... isso foi dia que ela foi madrinha de honra do padre Júlio, quando ele fez a primeira missa aqui... isso aqui era um livrinho de reza que ela ganhou do pastor, ela deu doutrina com dezoito anos na igreja evangélica aqui embaixo. E não achei aquela que eu quis... Eu tenho muita coisa aqui em casa, vocês não tem ideia... aqui tem uma reza que eu ensinei pros meus filhos: “Sou ainda pequeninha...” ... é, esse aqui é de rezar de noite, mas eu não acho mais, eu acho que... isso aqui era sempre cantado nos culto eu só sei que é: “ Sou ainda pequeninho, meu coração é bem limpinho, e nele sem cessar, Jesus há de morar meus filho tudo”. Isso eu ensinei pros meus filho tudo, em alemão também.”



- “Eu tenho umas coisa guardada, gavetas e gavetas. Isso aí era o meu pai e a minha mãe, só que nesse dia eles arrumaram o véu muito pra baixo, no dia do casamento ele usava ele mais alto. E no dia do casamento eles não puderam fotografar porque ele tinha um tersol no olho, daí ali ela tava grávida com a Dulce já de dois meses [risos]. O sapato era pelica com verniz. Dois tipos de cor pra ser fino né. Essas ali eu mandei restaura, ela era assim original né... Isso era a família da minha mãe, aqui era a mãe com treze ano no dia da comunhão dela, isso era toda fotografia de família e a única irmã era a Ludvina, era cuidava dos guri e a vovó ia na roça e daí a tia ela tinha que fazer a comida e cuidar das crianças, se eles perdiam um a coisa. Ela dizia: - Olha, vocês vão procurar pra acha porque o vô fica sabendo disso vocês apanha, ela ainda ajudava a gente pra não apanha, então eles chamavam ele de tudo que era coisa, até de cândida, a mãe dizia sempre... Esses dia eu tava pegando, peguei uma da turma do falecido Lúcio dos jogador e daí eles me cobraram trinta reais pra fazer, só não deu mais pra fazer colorido tinha que ser preto e branco, é que a Kessy quer ver fotografia da vó e do vô.”

- “Eu tenho tanta coisa, ah, e eu tenho um livro que o pastor Martin Dreher escreveu, ainda não passou por ti esse livro? Ele foi o que fez o enterro do meu primeiro marido. Ele morou quinze dias em Taquara, quando o falecido Lúcio desastrou. Ele jogava bola no segundo [o primeiro marido]. Olha, quando ele faleceu eu não tinha nem vinte e seis anos. Ele jogava bola no segundo a turma dele era o Trabuco, o Júlio, o Maciel, o Mailor Lauck, o Leonir que era genro do Adão, e tem dois que nós não conhecemo, essa foto foi pro Daltro agora.”

- “O Daltro não tem igual. Quando eles tão tudo junto, todo mundo fala junto, todo mundo se entende junto. Na nossa cozinha todo mundo cozinhava junto, só a comida daí quando um não sabia se tinha sal numa ou noutra coisa, pegava experimentava a comida. Às vez tinha cinco cozinheira. Passou tudo, eu tenho saudade dos meus tempo.”

- “Olha, o pai e a mãe eles eram muito querido, eu nunca apanhei, mas eu merecia ter apanhado muitas vezes. E eu não tive confiança de deixar meus filho sozinho nunca por causa das coisa que eu armei. O pai e a mãe eles eram um casal assim, que depois que eu e os meus irmão falava, eu via assim que eles eram uns pais diferente antes da minha era quanto na minha era, eram bem diferente. Inclusive a mãe até usava



álcool que era pra ser bom pro estômago dela né, depois que eu era uma menina de dez anos... E eles se discutiam muito, eu achava bonito que a Dulce tinha uma turma de filhos e eles tavam sempre de bom convívio ela e o Bruno né, os meus pais eles discutiam muito, aquilo também me marcou muito. Meus irmão adorei e adoro eles até hoje, eles me xingaram muitas vezes eu fiquei quieta, não, se uma coisa não era muito boa eu ficava quieta, pensava, ah, quem tem que resolve meus problema sou eu. Mais o pai e a mãe trabalharam muito, plantando tudo que foi coisa e queimando carvão junto a vida inteira. Eu admirava eles, mas só que eles pra mim tinham esse defeito, de discuti não dá certo um com o outro, mas eu gostava deles bastante.” [Lembranças dos pais, da família]

- “Sei lá né, se honesto, não menti, não tirar nada de ninguém. Foi uma coisa que eu também ensinei muito meus filho a não menti e não tirar nada de ninguém. E não se deixar usa também, até hoje em dia eles dizem: - Mãe, que bom que ti ensinou isso! Eu disse: - Olha, não foi só a mãe ter ensinado vocês, vocês têm que ver o que é melhor e fazer o que é melhor. Não adianta de repente o filho ser ensinado e ele não fazer aquilo, que às vezes a pessoa não consegue fazer aquilo que é ensinado, e às vezes um pai ou uma mãe podem ensinar errado, se um pai ou uma mãe são drogado eles vão ensinar errado, a criança vai ter que ver no futuro, vai ter que peneirar.” [Coisas que aprendeu com os pais]

- “Esse lugar foi sempre o mesmo, eu não sei se todo o lugar é assim. Quando eu trabalhei na Igreja eu fiz a mesma coisa, eu pegava a fazia um balanço geral todo o mês, e ainda fazia ele numa folha de ofício bem calçado ali, pra todo mundo poder ver, com todas as quantias de gasto e de entrada. E assim mesmo ainda teve problema que eles queriam me virar, mais não conseguiram, todo mundo conhecido né. Por minorias. Então eu acho que é isso que falta nas igreja, acho que todo mundo tinha que fazer a mesma coisa. Entrou hoje uma mensalidade, entrou tanto de mensalidade né. Eu tinha um bloquinho pra anotar mensalidade em cima, quando a pessoa pagava eu anotava o nome, o dia e dava recibo e anotava no canhoto. E era assim desse jeito. Era anotado pra Padilha, pra Paróquia que tinha entrado tanto pra Paróquia tal dia.” [Da participação efetiva na Igreja Luterana da sua comunidade]



- “Ela sempre contava [a mãe], dizia pra mim quando eu fazia doutrina, nunca fica numa casa sozinha, numa sala sozinha com um homem, nem dentro da igreja com o pastor, nem dentro de uma sala de aula sozinha com um professor, porque ela sabia de tudo isso e não tinha televisão. Quanta coisa que ela não tinha aprendido daquela época, 1918, 1920 né. E naquele tempo assim, quando eu era menina eu não sabia de nada disso, de mulher viver com mulher, homem viver com homem nunca me passou pela cabeça. Daí tinha o Celívio ali depois que nós era moça, rapaz, ué, o cara usa cabelo comprido, todo mundo debochava, eu até hoje não sei o que que ele é da vida. Conversa comigo no ônibus eu com ele, por mim pode fazer o que ele quiser, não tá gastando o que é meu [risos]. Por isso que eu digo eu sei lá né. Eu quero ver se eu vou morrer de velha e ter a mesma ingenuidade no coração, não ficar apunhalando ninguém porque é gay ou porque é isso ou porque é aquilo, e mulher se vive com outras pessoa da casa dela eu não posso fazer nada, que vive, então, pronto.” [Aprendizados da vida]

Entrevistar essas mulheres, reviver suas histórias, fez com que minha pesquisa ficasse rica e cheia de detalhes. Além disso, o que elas aprenderam e a maneira como preservaram os costumes que vieram de seus antepassados, mostra o quanto essas mulheres simples contribuíram e ainda contribuem para a preservação da memória dos primeiros imigrantes no sul do país.

Recebido em: 05 jul. 2024.

Aceito em: 08 jul. 2024.